



Paredes de madeira datam da época de fundação, em 1959, e foram tomadas por cupins

ESCOLA CLASSE METROPOLITANA

Deficiências transformam aula em sinônimo de caos

CARMEM CRUZ
Da Editoria de Cidade

Há mais de 20 anos a volta às aulas tem sido um retorno ao caos para alunos e professores da Escola Classe da Vila Metropolitana, em funcionamento desde abril de 1959. Construída em madeira, a escola apresentou os primeiros problemas alguns anos depois. Hoje, está cheia de cupins, e em várias salas o piso cedeu, afundando armários e paredes. A única restauração aconteceu em 1983, em apenas um dos três pavilhões.

Não é preciso mais que alguns minutos para perceber o maior problema da Escola Classe Metropolitana: as instalações — precaríssimas — já não suportam o peso das aulas, das crianças, dos livros. Uma reforma total é esperada há muito tempo pela direção e pela comunidade; os esforços, contudo, esbarram na tradicional justificativa de falta de recursos. Enquanto a reforma não chega, a comunidade implora pela construção de um muro de alvenaria para maior segurança de todos. A escola é completamente vulnerável.

ABANDONO

Os ofícios foram inúmeros, completando pedidos informais. Mesmo assim, a Escola Classe Metropolitana, próxima à praça central da Vila, continua ostentando aspecto de mais absoluto abandono, com crianças correndo entre valas abertas, fossas desativadas, água escorrendo do velho tanque perto da cantina e muita poeira. Apenas o prédio onde funciona a diretoria, a secretaria e seis salas de aula oferece uma visão mais amena. Os outros pavilhões abalam qualquer visitante.

Conservar o que resta da Escola Classe Metropolitana não é fácil. Para isso, a direção, os

A VERDADE DAS ESCOLAS PÚBLICAS



professores, os funcionários da limpeza e os alunos têm feito de tudo, com ajuda da comunidade externa. A escola atende a crianças de toda a Vila Metropolitana, do Morro do Querosene, das proximidades do matadouro, da MSPW — filhos de caseiros — e do Núcleo Bandeirante. São 445 alunos do pré-escolar à 4ª série do 1º Grau, a maioria carente.

A falta de instalações adequadas e de segurança podem ser somadas a outras dificuldades: pouco material didático, lanche sem complementação e material de limpeza além do necessário. É o esforço do corpo docente, da direção (que promove festas) e dos alunos (que levam sucatas e material para dinamização) que garante a realização de todas as aulas. A professora Maria Zélia de Paula Faria, que substitui a diretora Dalva Inácia de Oliveira Rodrigues durante uma licença-gestante, é uma das professoras que reivindicam a melhoria daquela unidade.

Os alunos têm aulas em dois turnos, com recreios sem grandes atrativos. A área da escola é aberta, por isso eles se valem

de um pequeno parquinho que fica fora da escola. É o único lazer de que dispõem. Para isso, eles passam pela velha cerca de arame farpado enferrujado e caído, e ganham a área externa. "Sem o muro, fica difícil para nós controlarmos o movimento das crianças. Seria muito importante a construção de um muro de alvenaria, assim teríamos maior segurança", disse Maria Zélia.

A escola não dispõe de espaço para o cultivo de horta. O único disponível está cheio de fossas, herança do tempo em que a Metropolitana ainda não possuía rede de esgotos. Em breve elas deverão ser camufladas, e o espaço utilizado para práticas de recreação. A infiltração é um dos fatores que, ao longo de todos esses anos, têm contribuído com a deterioração da escola. Quando chove, molha tudo.

O terreno da Escola Classe Metropolitana apresenta um declive e a poeira, nesta época do ano, dificulta o trabalho e as atividades de toda a comunidade. As crianças não dispõem de quadras ou ginásio para práticas esportivas. Durante as aulas de dinamização que acontecem dentro ou fora da sala de aula, elas recebem algumas orientações nesse sentido, nada mais. Não há bibliotecas, oficinas, laboratórios ou salas especiais para atividades de artes e outras práticas.

Além de 14 professores, a escola mantém três funcionários que trabalham na direção, dois vigias para o serviço noturno, uma porteira para o horário de aula, uma merendeira, uma auxiliar de merendeira e quatro servidores para a manutenção das instalações. A cantina funciona em um dos prédios de madeira, ao lado de um banheiro e à frente da casa cor-de-rosa, onde mora uma servente. Por dentro, é limpa e bem conservada. Por fora, completamente desoladora.

Decadência caracteriza prédios

A começar pela sala da secretaria, a primeira do pavilhão reformado em 1983, de alvenaria por dentro e revestida de madeira para conservar a fachada original, a Escola Classe Metropolitana traz nas paredes, no teto e no piso as marcas do envelhecimento. A infiltração deixa manchas no teto, e nas salas seguintes aparecem janelas quebradas e paredes riscadas. Só na sala número 1, ao lado dos banheiros, três vidros estão quebrados.

O banheiro dos meninos estava trancado e não foi possível visitá-lo. O das meninas, com seis vasos sanitários, tem as divisórias de mármore entortadas e uma delas quebrada. Duas descargas não funcionam. Não há bebedouros nos corredores, apenas filtros de cerâmica nas salas de aula e ao lado da cantina. A valeta de águas pluviais junto a esse prédio está toda aberta e, segundo a diretora substituta Maria Zélia, as grades de proteção atrapalhavam a limpeza do escoadouro.

VAZAMENTO

No centro do pátio há um pequeno jardim, cuidado pelo porteira Maria. Um pouco adiante, mais perto do prédio intermediário, ainda erguido em 1959,

há um tanque cuja água banha parte do pátio, onde as crianças brincam. Maria Zélia explicou que o vazamento só acontece enquanto a torneira não é consertada. A primeira dependência do prédio é o banheiro das serventes. Ao lado, fica um depósito de material de limpeza, e em porta quase conjugada, a cantina, bem limpa.

Mais adiante duas salas servem de depósito, e depois uma

outra que seria a sala de leituras funciona como especial. Nela, uma velha estante com alguns livros de literatura infanto-juvenil, parte do material utilizado em apresentação dos alunos — recentemente apresentaram o bumba-meuboi na administração local — algumas caixas e carteiras. A outra sala é a dos professores, onde o piso de madeira cedeu, as janelas não têm vidros, as paredes perdem parte da madeira por causa das infiltrações e o armário dos professores está afundando.

No corredor, do lado de fora, dá para perceber que a parede está corroída pela ação de cupins, chuva e ventos. A última sala do pavilhão 2 é usada para atividades de psicomotricidade, com alunos de pré-escolar. Simultaneamente a sala serve de depósito de carteiras e sucatas e o mofo impregna todo o ar.

O último pavilhão, que faz limite com a rua, tem três salas para o pré-escolar, todas bem decoradas pelos alunos e professores; apesar dos esforços, eles não conseguem disfarçar as marcas de abandono. O teto está manchado, as paredes furadas e o piso cedendo. Uma outra sala serve de depósito de madeira velha e mesa de marceneiro.

ESCOLA CLASSE METROPOLITANA



Salas de aula	***
Banheiros	***
Cantina	****
Biblioteca	*
Laboratórios	*
Área de lazer	*
Área de esportes	*
Manutenção	***
Segurança	**
COTAÇÃO	
Excelente	*****
Bom	****
Regular	***
Ruim	**
Péssimo ou Inexistente	*

Insegurança domina o cotidiano

Sem muros, a Escola Classe Metropolitana não pode oferecer segurança aos alunos. "A gente faz o que pode, procura acompanhar as crianças durante o recreio, mas o jeito é deixar com Deus mesmo, porque tudo é aberto", explica a diretora Maria Zélia. Segundo ela, "felizmente não há tanta depredação", principalmente à noite, quando o vigia fica permanentemente na área, circulando pelos limites do pátio. A preocupação, porém, é comum a toda a comunidade.

Os vidros quebrados são resultados de ações antigas, que se deram esporadicamente. O maior temor de alunos e professores é quanto à invasão. "Antigamente, havia um morador da vila que bebia muito e era meio perturbado; ele entrava na escola assustando a garotada. Aprendemos a conversar com ele e dizer que as crianças gostavam dele. Aos poucos ele se afastou; entretanto, num dos dias foi preciso chamar a polícia", disse Maria Zélia.

Os esforços da direção são

também no sentido de resguardar o patrimônio da escola. Sem os muros, fica à mercê da própria sorte. O acesso pode se dar de todos os lados: "Nunca registramos um caso mais grave, mas é impossível controlar tudo o que acontece na escola em uma situação como esta, em que tudo está exposto a qualquer estranho". Para Maria Zélia, a construção do muro seria a melhor forma de proteger o que resta do patrimônio da escola e resguardar integralmente a segurança da comunidade.